

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Debetos Indígenas /
 Data: 31/01/94 Pg.: Declarações da ONU
DIOR 0016

JORGE BOAVENTURA

A maior das vitórias...

¹⁹⁹⁰
Quem conhece determinados aspectos da visão crítica dos militares sabe que, dela, faz parte a convicção de que, na avaliação das ações a serem praticadas, é indispensável levar em conta a relação custo-benefício. Claro que esta não é uma singularidade do ambiente castrense; mas, nele, está sempre presente a necessidade de evitar-se o que a Pirro custou tão caro, mais caro, muito mais, do



É o caso do tabu criado, de manter-se intocável a cultura indígena

que os frutos da vitória alcançada. Talvez por tudo isso é que no *Livro Vermelho*, que se tornou famoso em certa época, e no qual estavam compendiados pensamentos e máximas atribuídos a Mao Tsé-tung, figurava uma sentença, possivelmente inspirada em estrategista chinês que viveu muitos séculos antes da vinda de N. S. Jesus Cristo, na qual se afirmava que a maior e mais gloriosa vitória que um general pode alcançar é aquela que seja alcançada sem a necessidade de qualquer batalha, pelo esvaziamento dos meios e, ou, da vontade de combater do adversário. O leitor, é claro, percebe que, na hipótese, ao menos em termos de sacrifícios de sangue, atinge o valor máximo possível a relação custo-benefício ou, para sermos mais precisos, a relação benefício-custo.

Ora, no mundo moderno, não é outra a visão que inspira a cha-

mada "guerra psicológica". Por seu intermédio o que se busca é, exatamente, confundir, embaralhar, enfraquecer a vontade da sociedade sobre a qual se deseja exercer influência ou, em casos limites, conquistar. Muitos poderiam ser os exemplos de que têm sido tão ricos os conflitos do mundo em que estamos vivendo. Para os que preferem argumentos quantificáveis ou, pelo menos, suscetíveis de quantifica-

ção, ainda que não muito precisa ou exata, vale lembrar fórmula proposta há alguns anos pelo professor Ray S. Cline, da Georgetown University, que pretendia, exatamente, expressar numericamente os poderes das diferentes nações.

Na referida fórmula, a "vontade nacional" aparecia como fator, multiplicando outros termos da mesma fórmula, o que significa que variações sobre a citada "vontade" refletem-se grandemente sobre o valor do poder que se deseja avaliar. Ao tempo em que surgiu o assunto a que estamos fazendo menção, estávamos em plena época do "milagre brasileiro" e o Brasil, para o professor Cline, estava muito bem situado no "ranking" internacional.

Hoje, seria a nossa posição a mesma ou, pelo debilitamento da vontade nacional, pela erosão da esperança, já caímos muitíssimo

naquele rol?

O leitor que por acaso não se tem dedicado a reflexões do gênero das que estamos apresentando à consideração da sua inteligência, possivelmente não se aperceberá, de pronto, da gravidade do assunto em referência. É que não lhe será fácil perceber a presença, a extensão e os graves efeitos que podem resultar do fenômeno, existente no domínio dos problemas em foco neste artigo, fenômeno que temos designado como de "cooptação cultural".

No que consiste ele? No convencimento acerca da validade de certas teses, de modo que a opinião pública passe a aceitá-las como boas e verdadeiras. À primeira vista, parece tratar-se de algo democraticamente irretocável e, até, de indiscutível nobreza.

Para que se tenha, entretanto, todo o necessário para o ajuizamento da questão, é indispensável levar-se em consideração a maneira de fazer-se o convencimento em pauta. Na prática, e quando se trata de "cooptação cultural" interessada na obtenção de objetivos que se não revelam ou confessam, geralmente a citada maneira assenta no controle total, ou quase total, dos veículos difusores de idéias e, por tal via, formadores de opinião, que passam a defender e a expor apenas os ângulos que interessam àqueles objetivos e finalidades que se não explicitam.

É o caso do súbito tabu criado em torno da necessidade de manter-se, intocável, a cultura de cada grupo indígena, em especial de alguns exaltados, de maneira sus-

peitíssima, como dignos desse desvelo. Semelhante tese não se sustenta, pelo menos do ponto de vista cristão, diante da passagem das Escrituras Sagradas em que se ordena: "Ide por toda a Terra e evangelizai todas as nações".

A intocabilidade cultural, é claro, impede, entre tantas outras coisas, a referida evangelização. A ter vigorado nos idos do século 21, seríamos, ainda hoje, um arquipélago de culturas primitivas, algumas erráticas ou nômades, não existiriam os brasileiros caboclos, e a vila de São Paulo de Piratininga possivelmente teria deixado de existir, diante do assalto de índios guaianases, tupis e guaranis, que, sob o comando de Araraí, foram rechaçados pelos homens que obedeciam ao comando de Tibiriçá, sogro de João Ramalho, que se havia casado com uma sua filha.

Tibiriçá que morreu cristão e batizado com o nome de Martim Afonso Tibiriçá. Por isso, talvez, exista São Paulo hoje. E o Brasil. Que pretendem despojar agora das áreas ricas habitadas por povos indígenas, "cujas culturas devem ser mantidas intocadas" para que, amanhã, possam ser proclamadas "nações independentes", com o apoio, é claro, da ONU, ou dos interesses que a usam em seu proveito. É que, no século 16, era mais difícil cooptar culturalmente, pois, entre outras coisas, existiam menos pedantes e menos traidores.

■ Jorge Boaventura, professor universitário, jornalista e escritor, é conselheiro do Comando da Escola Superior de Guerra